

SONHO, PAVOR, ALEGRIA!¹

Sílvia Sanzio del Mar



[72]² Tan... tan... tan... tan... As doze pancadas macabras da meia-noite batem soturnamente na velha igreja do arrabalde. Lá fora geme, uiva, gargalha o vento, como monstro insaciável que se não me farta de apertar a treva... Meu amor! Meu grande amor! Estou só... Neste meu quarto vasto e gélido... Sem ti que eu não sei se amo mais do que adoro ou se adoro mais do que amo... À força de te querer, ao delírio de te chamar, já me sinto toda, completamente iluminada, e tua lembrança, Vinicius Formoso! Pousa castamente sobre a minha alma... Tenho sempre contigo, aspirando-me, enlaçando-me, sorvendo-me, essa tua beleza que não me canso de exaltar, que me não sacio de glorificar, porque ela é melancólica e acariciante como uma página de saudade escrita por Álvaro Moreira, doce, harmoniosa e envolvedora como uma poesia desse bem-amado do Ideal que se chama Luiz Carlos, suave como um murmúrio ritmado de Verlaine, e diáfana... e espiritual... e infinita! O teu conjunto harmonioso não pertence a este mundo! És uma criatura paradisíaca, dos reinos azuis do Todo-Poderoso, a

¹ MAR, Sílvia Sanzio del. Sonho, pavor, alegria!. *O Malho*, Rio de Janeiro, n. 1146, p. 71-72, 30 ago. 1924.

² Os números entre colchetes referem-se aos números das páginas na referência.

quem os anjos, com certeza, costumam servir de joelhos, ofertando-te, em salvas de ouro puro, o que de mais precioso existe no Empíreo! Vinícius! É por isso que quando falas sinto notas de esplêndida harmonia saírem de teus lábios rubros, e quando gesticulas ficas como que envolto em luz, transfigurado! Meu Soberano! Meu Senhor! Já perpassa pelo meu corpo o deliquesciente arrepio — prelúdio do Momento Augusto que se aproxima... Beija-me, oscula-me vagorosamente, muito lentamente... Faze da Sílvia — oh! Juvenil Poeta! O teu poema torturado de efebo voluntarioso! Ah! Vinícius! Une teu rosto primaveril à minha boca abrasada de chamas, de sol, de estio! Sucumbo de tanta ventura, oh! maravilha de minha vida! Ritimiza teu hálito ofegante às asas dos meus braços agitados! Vês? Neste instante, não te posso ocultar o rosto no manto sedoso da minha negra cabeleira! Tu me ordenaste: Corta os teus cabelos! E eu cumpri, sem hesitar, teu *ukase*, oh! Rei Poderoso! Quero que teus beijos tenham agora a força indomável do meu amor por ti! Vinícius! Beija meus olhos! Sorve minhas lágrimas... De tanto te amar já estou chorando!

E enquanto me agito, ébria de felicidade, enlevo e exaltação, ambiciono estar tiritante, gelada, hiemal, como esta noite de julho que, dolorosa, suplica em vão agasalho pelas ruas... E quisera, oh! Meu Vinícius! Que tu fosses o vento...

Já se desfez em mim tua visão maravilhosa! Estou só... Glacial como a noite triste e imensa! Chamo-te, mas não voltas! Lavo a minha dor no rio do meu pranto! Só é testemunha da angústia imensa que me dilacera, este pequeno papel em que te escrevo! Ninguém jamais saberá que a Sílvia sorridente, a perturbadora castelhana dos *the-concert*, dos bailes de embaixadas, das noites de gala do Municipal, agoniza — como sucumbe o

Cisne de Saint-Saëns — tendo à flor da boca uma rosa tristíssima de alegria e um canto pungente de ventura! Não vens! E amo-te cada vez mais! Não vens! E por tua causa, sinto-me a mais feliz, a mais bem aquinhoadas das mulheres — encontrei-te em meu caminho... Não vens! E eu estou sempre no meu posto de mulher que ama, a coroa do martírio cingindo minha testa em sangue, todo meu corpo lacerado por mil deliciosíssimas feridas — que importa a Dor quando Eros vitoriosamente tudo domina!

Vinicius! Obra-prima da Natureza! Triunfador de Andréas Savley! Sorriso do Senhor enviado à Terra! Ó Doce Amado! Tu que tens as mãos mais macias que as sedas de Teerã; as unhas mais rubras que o sangue das gazelas; os olhos mais deslumbrados que os diamantes do Rajá de Kapurtala; o rosto mais sedutor que as alvoradas de Jerusalém! Vinicius — Príncipe Primavera! Homem Ideal! Último semideus! Por que não me ouves quando eu te suplico, ajoelhada, humilde, dolorosa, a ventura suprema de deixar que eu te ame? Por que me repeles quanto mais te anseio? Por que me escreves bilhetes cruéis em resposta aos meus pobres gritos de amorosa? Ah! Bem sei que quando me diriges os “ordeno-te que me esqueças” não estás agindo com a tua alma, essa alma de São Francisco de Assis que te acompanha, sim, com o terrível demônio que vive assaltando o pensamento dos homens puros como tu! Vinicius! Já te disse, não sei quantas vezes, que tanto tens de belo como de misericordioso! Por que não me dás então o supremo deslumbramento de eu poder realizar meu ideal? Por que não me entregas a divina graça de me tornar ao menos espiritualmente ditosa?

E tu não vens como vieste há pouco! Não vens! Não vens!... Estou só! Desolação! Horror! Angústia! Frio!... Lá fora geme o vento. O vento chora como a minha alma!



Acordo espantada. É dia claro. Onde está o vento que sibilava tão tragicamente? Faz frio, sim, mas é um frio delicioso de princípio de inverno, quase igual ao que se sente na terra de Álvaro Moreira. No céu azul cantam pássaros trinados de alegria! A Terra — cortesã satisfeita — assiste à festa triunfal do Dia, enlaçada de rosas, de orquídeas, de avencas, de perfumes. Eu também quero cantar! Cantar como esta manhã que tenho diante de meus olhos! Cantar porque amo o mais belo dos Brasileiros!

— Annette! Annette! Vem me despir como exige a moda! Tenho de dar um passeio! “Ele” ainda não veio? Onde puseste *Reflexos do Rio*, de João Luso? Embrulha-o com aquele papel de seda azul... É para o sr. Vinícius, que só lê o que é ótimo.

Fon... Fon! Fon! Pra... Ra... Pá! Pum! Pao! Pum! Pum! Pum! (Não pensem que vou iniciar algum período futurista! Sinto um medo da língua do Osório Duque Estrada! E ele que é tão meu amigo! Que até elogiou o meu último livro *Alma Enamorada...*). É o magnífico automóvel do meu pequeno — ou do pai do meu pequeno, é a mesma coisa! — que me vem buscar! Eis Vinicius a olhar para mim e a sorrir — o seu modo mais decisivo de aniquilar o sedicioso coração das mulheres...

— *Morning, pretty young man!* (Não reparem, senhores! Durante a revolta li todo o relatório de Lord Montagu!) Mas que formoso estás com este teu maravilhoso terno de tecido “panamá”! Essa fazenda só é encontrada, parece-me, em Santa Fé de Bogotá... Pelo que estou vendo, queres que eu fique mais doida do que já estou! Olha... Sonhei que já não era

tua... Coisas da noite fria... Foi, com certeza, devido a alguma janela que deixaram aberta... Ah! Se eu não fosse tua...

— Pois hoje vais ver o que é ser minha!

— Oh! Prazer dos prazeres! Glória das glórias! Que queres tu que eu faça para conseguir tanta ventura? Desejas que eu force as portas do “Petit Trianon”, gritando: “Corja de passadistas! Vou [72] penetrar no vosso recinto augusto! Isto aqui é meu... É nosso! O futurismo foi inventado para uso e gozo das mulheres! Marinetti comunga com a minha ideia! Pois já vistes vós alguma mulher bonita ter certidão de idade, guardar culto pelo passado?! Ou queres, Vinicius meu, que eu obrigue as donzelas a não te mirarem tanto, principalmente aquela “zinha”...

— Pouca conversa, tagarela!... Vais sentir, em toda a plenitude, um instante horrível, um momento de horrorosa sensação da vida!

— Em tua companhia, aspirarei com prazer o perfume da Morte!

— Sílvia literomaníaca! Sobe já para o meu automóvel! Estás tremendo como uma folha ao vento! Pareces Manon Lescaut quando foge da prisão! Que é que tens? Que é que te dói?

— Oh! Vinicius! Meu Príncipe Encantador! Perdoa-me... Mas és tão maluco quando guias um auto... E... se eu morrer... (Ah! Que medo!) e for depois para o necro... tério... (Oh! Que horror!) Como te hei de amar? Como te hei de estender meus braços para acariciar os teus cabelos? Que meios empregarei para te dar beijos — o meu prazer mais favorito? É preciso não contar muito, Vinícius, com as sessões espíritas...

— As mulheres são sempre as mesmas. Eva — semente do Mal — devia estar no Inferno. As mais fingidas são justamente as que afirmam que o não são. Pois bem! Ficas apaixonada por mim, seduzes-me com mil

estratagemas, conquista-me... um bocadinho... por fim... (tudo isso por meios certamente diabólicos!) e... Faltas com a necessária confiança à minha pessoa?! Vais ouvir! Ou sobes já, imediatamente, para o meu carro, ou não me terás mais para teu companheiro de passeios! E, ainda subindo, vais ter a sensação de que te falei acima, o momento desejado por Belkiss, rainha de Sabá — a sublime, a suprema, a divina sensação do medo! Sobe!...

— Tu me ordenaste! Leva-me à vida, à morte, que me importa, Vinícius Soberano! Estou na tua companhia... Meus pais consentem... faze da tua escrava o que quiseres!



O “Turcat-Mery” não parece que corre, parece que voa! Já estamos longe, muito longe da cidade! Tudo perpassa pelos meus olhos numa fantasmagoria alucinante! E o auto corre cada vez mais! Já nada vejo de ambos os lados! Poeira... Penumbra! Coisas fantásticas... Árvores que correm conosco... Casas que galopam montadas em muros negros... Voamos... Voamos... Eis que uma mancha cinza corre infernalmente ao nosso encontro! Vai esbarrar-se conosco! Para, Vinícius! É um outro automóvel! Para... Para, meu amor, meu anjo! Nossa Senhora nos valha! Ah! Para! Pa...

E antes que os meus olhos escureçam, que os meus sentidos se amortecem, Vinicius, no momento mesmo em que ia dar-se o formidável choque, desvia — a um palmo de distância somente — o Turcat-Mery do outro automóvel — uma “baratinha” com duas senhoras, um rapaz e três crianças! Recuperada a vida, abraço e beijo, na presença da multidão que se comprime, o meu herói formoso! Vinicius ri, como se nada houvesse acontecido... (*beatus venter qui te portavit...*)

O povo bate palmas. Vivas explodem no ar. O mais hábil guia de automóveis é aclamado pela multidão, como o foi Pegoud, em França, quando realizou, em 1912, o primeiro *looping-the-loop*! Viva! Viva o intrépido Vinicius!

E eu, já sem lágrimas — chorosa antes de alegria! — ponho-me de pé sobre o carro, e grito, grito com toda a força dos meus pulmões:

– Glória a Vinicius Ferreira Chaves – rei de Sílvia Sanzio del Mar!...

A multidão repete meu brado, aclamando, querendo levar em triunfo o meu pequeno!

E, soberbo, com o seu meio sorriso divino, que faz a perdição das minhas irmãs por parte de Eva ("Fiúsca", "fiúsca", para vocês todas, "zinhas" sem prestígio e sem cotação! O Sr. Vinicius agora é meu, completamente meu! E tanto é que está comigo, ao lado!...) volta para a cidade o meu Rei Juvenil, numa corrida gloriosa, enquanto eu, abraçada ao seu pescoço, convencida da sua coragem indestrutível, vou lhe pedindo com meiguice, candura, espanholamente infantil;

– Corre mais, Vinícius, meu amorzinho! Derruba sem piedade todos os postes da Light! Esborracha as galinhas, marrecos, patos e perus que infringem nas ruas as posturas municipais! Maltrata, entorta, atropela todas as minhas inumeráveis rivais que estão apaixonadas por ti! Mata a Inspetoria de Veículos na cabeça! Corre mais, Vinícius! Mais, meu querido! Mas, meu dono, em quarta velocidade, sim?



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes
Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur,
Rosane Velloso e Sora Maia Souza
Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

